

canto a memória do canto a memória do canto a memória do canto a memória do canto a memória do canto a memória do canto a

eu canto a memória do dr. edmundo de oliveira

Aqui sobre a minha secretária, à espera — longuíssima — de brecha para lhe responder, a carta de um antigo professor e amigo de quem o jornal vem agora noticiar-me o falecimento: o dr. Edmundo de Oliveira.

“Chego-te tarde e a deshoras! Desculparás. Com os anos, isto piorará!” — abria a carta. Não vai piorar porque acabou mesmo. E fico eu com o remorso fundo de não ter respondido a tempo. De não ter chegado ao menos nos últimos dias dessa luta com um cancro lá só entre ele, que mais ninguém por nada dava, embora soubesse, porque o espírito do dr. Edmundo continuava o mesmo: a fundura de um sentir de homem e de artista tão para além da vulgaridade, comunicado por uma palavra sábia e culta, mas espontânea e natural, e um sorriso penetrante no olhar franzido.

Fica-me a carta por escrever e a visita que não deu tempo na última saltada a Lisboa. Mas não vale aqui a lamúria do “se soubesse...”

E, porque não estive presente antes do fim, aqui fica este penitenciar-me público de vir falar desse homem aos meus leitores. Bem poucos saberão quem tenha ele sido, mas isso que importa? Grande parte do que para aí vai escrito nos jornais é sobre gente de quem a maioria nunca ouviu falar.

Conheceu o dr. Edmundo uma geração de alunos do Seminário de Angra que no orfeão por ele dirigido passou por uma experiência inolvidável. Duma por todos nós reconhecida humanidade profunda e genuína, uma sensibilidade artística superior e uma competência musical invulgar; duma capacidade de acordar a emoção musical na dureza mais impávida e empedernida de espíritos supostamente não muito artísticos, ou de uma garganta atada ou complexada; duma comunicabilidade capaz de empolgar quase uma centena de vozes na execução esmerada do pormenor interpretativo e fazê-las entregarem-se totalmente na segurança das suas mãos e na expressão do seu corpo, que resultaria na perfeição do conjunto; duma alegria jovial que

derretia a individualidade das vozes na harmonia indescritível da experiência estética colectiva, o Dr. Edmundo foi responsável pela marca indelével que deixou nessas gerações por terem experimentado na vida a tangibilidade da beleza, a emoção, por vezes sublime, que a música consegue gerar.

Ao dr. Edmundo manteve e mantém ainda hoje toda essa geração atado o cordão umbilical dessa experiência, já que, sintonizada nele, só com ele e através dele ela se tornou possível. Daí a presença profunda e inapagável do maestro— amigo nessa geração hoje dispersa pelos quatro cantos do mundo.

Nunca mais foi possível repetir-se. Nem será mais. Duvido que mesmo com outros. Mudaram-se os tempos. Ironicamente, permitiram-no os circunstancialismos retrógrados do mundo também pequeno numa ilha, a Terceira, por sua vez num mundo apenas um nada menos pequeno, o arquipélago dos Açores, onde era possível fazer-se ensaios três vezes por semana durante meses seguidos para uma única exibição. Horas a solfejar. A repetir. Sob a voz insistente de comando delicado do dr. Edmundo a pedir “mais uma vez! mas mais de leve, mais suavemente!” E, oh!, tantas vezes! a exigência perfeccionista do maestro na saga do impossível ditava berros à nossa não-correspondência, (nem sempre por falta de recursos, mas por certa apatia ou simples descuido): “Pedras! Pedras, vocês! Não sentem nada! Ah! Marotos!” Ao chegar ao ensaio dos baixos — cada “voz” tinha ensaio de meia hora e elas eram três ou quatro, conforme a peça em causa — já ele suave estourado de cansaço e paciência. “Bibis,” — como ele chamava a toda aquela gente grande — “só mais uma vezinha!”

As horas húmidas e cinzentas do inverno dos Açores coloriam-se da melodia que atravessava aquelas janelas da aula n.º. 11 para as ruas de Angra.

Esforço insano para terminar num único sarau anual que felizmente a rádio transmitia. E era só isso, porque não se podia viajar como agora, nem as estruturas eclesíásticas o permitiriam. Uma vez apenas — e quem acreditará nisso hoje? — foi o orfeão a Ponta Delgada deixar um público embasbacado. Mas fora a visita da saúde.

Nem um disco. E o dr. Edmundo nunca lhe deu sequer para guardar uma gravação. Excepto a de um ensaio, iniciativa dum aluno, feita só com um microfone. Possuía uma de um sarau que a minha teimosia fez questão de conseguir dos serviços do Rádio Clube de Angra. E assim se esvaíram nas ondas as execuções próximas da perfeição de meia hora dum “Magnificat” de J.S. Bach, de três quartos de hora de excertos do “Messias” de Handel, da “Serenata” de Schubert, de “Espirituais Negros”, do “Tannhauser” de Wagner, do “Nabucodonosor” de Verdi. E tantos mais.

Trágica, a vida sereníssima e pacata desse homem que não cabia nos Açores nem em Portugal, mas num mundo vasto onde pudesse dispor de umas dezenas de amantes da música e que a ela se dedicassem profissionalmente. Teria conseguido espantos. Trágico, dizia, porque esse grupo só lhe foi possível num seminário que era ao mesmo tempo um beco sem saída para permitir-lhe ir mais longe. Lisboa não pôde dar-lho. Nem a ele, nem a artistas menos exigentes e perfeccionistas do que ele. Mais um que as dimensões do tempo e do espaço na ilha não deixaram crescer em plenitude.

Se pudesse lê-las; o dr. Edmundo talvez não acreditasse que estas linhas foram escritas por mim, meio-rombo e exter-

na e só aparentemente avesso às aulas de música. (Uma vez pedi-lhe para levar comigo a partitura do "Côro dos Soldados," de Charles Gounod, que o orfeão estava a ensaiar. Meio admirado com o meu repentino e desusado interesse pelas artes de Orfeu, entregou-me o texto com um sorriso largo, supondo que queria levá-lo para estudá-lo melhor. A verdade era que a letra portuguesa fora escrita por um outro professor, de simpatiquíssima personalidade mas de ideologia excessivamente tradicional para o nosso gosto. A marcha era militar e a letra patriótica com um canto guerreiro. No ensaio seguinte, eu tinha distribuído aos colegas uma folha copiografada com uma paródia à letra do monsenhor Lourenço. Seguiu-lhe os sons e o sentido muito de perto, mas o tema era agora Salazar e a situação política portuguesa. Quando, a medo, alguns começaram a entoar a marcha (o edifício da PIDE ficava mesmo em frente da aula) o dr. Edmundo fingiu apenas um "Ah! bandido!" da praxe, sorriu, e magnânima e elegantemente mandou prosseguir o ensaio.

Era maestro e mestre, mas jovem e amigo. Tinha a humanidade daquelas pessoas que a gente até duvida serem humanas. Que não são bem daqui. Que nos transcendem. E ele era íntegro. Sempre igual a si mesmo. Até nos murros que dava quando desafínávamos ou fugíamos do ritmo, ou não respondíamos ao seu pedido de silêncio absoluto para se recomeçar uma tirada. Falava do fundo dele próprio. Nas aulas, saltava da pauta duma partitura para a teoria da música, e daí para a história dela ligada à das demais artes, estética e filosofia, tudo tão saborosamente por ele digerido e articulado na palavra certa e jamais desperdiçada.

Nunca publicou nada disso. Como não gravara as execuções. Deu tudo o que possível foi a nós e ao tempo-espaco dele receber no contacto directo, pessoa a pessoa. Não que ele não gostasse de dar mais. Mas o dr. Edmundo nunca impôs nada. Só dava a quem pedia ou ele adivinhava gostar de ouvir. E não quiseram mais, porque o meio não podia. Ele não cabia nele embora sempre dele se tivesse sentido.

Sobre a minha secretária eu tenho a fotocópia da capa de um disco de música gregoriana destinada a seguir na carta que lhe devia, para ele acreditar ter eu adquirido de facto o disco e que, passados anos sobre a maçadoria dos ensaios, descobriria a beleza que ele procurava convencer-nos, a nós, espíritos "empedernidos" jovens e avessos ao tradicional, existir no canto gregoriano, para nós enfadonho e monótono.

Já não posso enviar-lho. Mas vou tocá-lo ali no giradiscos. Não o "Requiem," de Perosi, que sob a sua batuta cantávamos todos os Novembros. É demasiado tétrico para celebrar a memória de quem nos ficou vivo. Tão pouco será o "Aleluia" de Handel, com que nos fazia arrebatado. Vai ser mesmo esse disco de canto gregoriano, pelos monges do Mosteiro Beneditino de Munsterschwarzach. Para a memória dele, dr. Edmundo de Oliveira, ouvir-se.

O.T.A.

(in Portuguese Times, 2/Set./82)